

ASCENSÃO DO SENHOR – ANO A

– 21 de maio de 2023 –

1 – A vida é marcada por encontros e desencontros, por chegadas e partidas, pela presença física e espiritual e pela distância física e/ou pelo afastamento afetivo. A chegada gera alegria e paz. A partida, a não ser que seja pelo cansaço, pela desistência, pela indiferença ou pela conflitualidade, gera tristeza, desânimo, receio. Receio que nada volte a ser como antes, que a vida fique manca ou deficitária e que os vazios façam moessa, provoquem desencanto e embotamento.

Porém, há partidas, cuja tristeza inicial é compensada pela satisfação de uma história em processo e em construção. Os pais, por mais que lhes custe, terão de deixar partir os filhos, vê-los voar, ainda que lhes pese a tristeza, eleva-os ver que os filhos já têm asas e ferramentas para escrever a própria história. E esta constrói-se, sempre, para ser equilibrada, com as raízes! Um membro do casal vê partir o outro, para longe, com dor, mas sabe que, nesse momento, é a forma para ganhar o pão e proporcionar uma vida melhor à família.

Há partidas definitivas que, efetivamente, quebram laços, interrompem o caminho percorrido em conjunto, desfazem os sonhos e os projetos delineados para o futuro! A tristeza preenche por inteiro o coração, a mente, a vida, e tantas vezes leva à desolação, à apatia ou mesmo à depressão. A fé é, ou poderá ser, não tanto um lenitivo, mas sobretudo uma abertura à esperança, àquela certeza que nos garante que quem morre, em Cristo, com Cristo ressuscitará. E, então, a tristeza e a saudade são equilibradas e/ou superadas pela confiança e pela paz. Não havendo lugar para a fé, a tristeza pode ainda assim ser amparada pelas recordações dos momentos felizes que se viveram, pela gratidão em relação ao caminho feito, pelas marcas de bem que a outra pessoa deixou em nós e pelo contributo da nossa vida para a felicidade de quem partiu.

2 – Conhecendo os seus discípulos, e conhecendo-nos, Jesus prepara-os para a Sua ausência, garantindo que não os deixará sós, abandonados, perdidos. Jesus reconhece a tristeza por esse momento de separação, quando for morto e quando for elevado para o Céu. Agora o vosso coração está inundado de tristeza, porque Eu vou partir e por vos ter dito estas coisas, mas logo transbordareis de alegria, porque voltarei para junto de vós, enviar-vos-ei o Espírito Santo que vos falará de Mim, que falará do Pai; vou para junto do Pai, vou preparar-vos um lugar, em casa de Meu Pai há muitas moradas, para que onde Eu estou, estejais vós também.

Porquanto, é a hora da partida, que dá lugar ao envio e ao compromisso com o Evangelho. Jesus foi morto e, ao terceiro dia, ressuscitou e apareceu aos Seus discípulos! Chegou a hora de partir, em definitivo, para a direita de Deus Pai. As aparições apaziguaram os discípulos, ainda que a dúvida prevaleça em alguns deles, pensando tratar-se de um fantasma ou achando que estão a delirar. Na Galileia, no monte que lhes indicara, Jesus aproximou-se e os discípulos adoraram-n'O, mas a dúvida permanece em alguns.

Seria expectável, como o fizera em dia de Páscoa, que Jesus os dissuadisse pelas palavras e mostrando as marcas da Paixão. Porém, para Jesus esse tempo passou. A fé amadurece também na dúvida e na incerteza do que acontecerá no futuro. A fé implica a confiança em Deus, no Seu poder e no Seu amor. Nos momentos de dúvida é deixar-se ir e confiar. É como quando entras na água, num rio ou no mar, se estás em dificuldade em te manteres a nadar, mais vale descansar, serenando, boiando, do que esbracejar, pois estás a gastar energias, a entrar em lógica de pânico e isso só te leva ao fundo. Confia, Jesus não te deixa só, não te deixa ir ao fundo.

Jesus dá um passo em frente, envia-os e compromete-os com a Sua missão. Agora será com eles. *«Todo o poder Me foi dado no Céu e na terra. Ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo o que vos mandei. Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos».*

A partida de Jesus gera o envio e a missão dos discípulos, na certeza de que Ele permanece connosco, sempre, até ao fim.

3 – Nos Atos dos Apóstolos, o seu segundo livro, são Lucas faz-nos olhar para o Céu e para a terra, com implicações mútuas. A meta é o Céu, mas a terra é a oportunidade de chegarmos ao Céu. Os pássaros não voam nas alturas sem a atração, a gravidade, da terra. A terra, o chão é essencial, mas também a força da gravidade. Só assim o voo é estável e só assim é possível voltar a casa, de contrário, os pássaros desapareceriam na estratosfera.

Depois do Evangelho, onde narrou *"todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar, desde o princípio até ao dia em que foi elevado ao Céu, depois de ter dado, pelo Espírito Santo, as suas instruções aos Apóstolos que escolhera"*, são Lucas decide escrever sobre os primeiros tempos da Igreja, acompanhando a ação evangelizadora e a implantação de comunidades cristãs.

A Ascensão de Jesus faz a ligação aos dois livros, Evangelho e Atos dos Apóstolos, sublinhando que agora os apóstolos têm ao seu encargo a missão de Jesus, cabe-lhes anunciar o Evangelho a toda a criatura.

As dúvidas e as hesitações de alguns, como tínhamos visto no Evangelho, persistem e manifestam-se na espera iminente do Reino de Deus, como termo do Universo, ou na restauração de Israel. A resposta de Jesus é contundente: *«Não vos compete saber os tempos ou os momentos que o Pai determinou com a sua autoridade; mas recebereis a força do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e na Samaria e até aos confins da terra».*

Jesus elevou-Se à vista deles! Os discípulos continuam com dificuldade em assentar os pés na terra e comprometer-se com este chão, este mundo, a história, com os nossos irmãos. Apresentam-se dois homens (anjos) vestidos de branco e despertam-nos: *«Homens da Galileia, porque estais a olhar para o Céu? Esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o Céu, virá do mesmo modo que O vistes ir para o Céu».*

4 – São Paulo, por sua vez, reza pelos efésios, para que a sabedoria e a revelação lhes ilumine o coração e os desperte para à esperança a que foram chamados, aos tesouros do mistério plenos por Jesus. O poder de Deus é garantia para vivermos confiantes. O Pai da glória ressuscitou Jesus e colocou-O à Sua direita. O decisivo não é o poder, mas a força do amor de Deus que ressuscita Jesus e nos configura a Ele, para que a nossa morte seja encontro definitivo na Sua eternidade.

Assim o rezamos a iniciar a Eucaristia, na oração de coleta: *«Deus todo-poderoso, fazei-nos exultar em santa alegria e em filial ação de graças, porque a ascensão de Cristo, vosso Filho, é a nossa esperança: tendo-nos precedido na glória, como nossa Cabeça, para aí nos chama, como membros do seu Corpo».*

A nossa identificação a Jesus terá como consequência e sequência o sermos assumidos por Ele na eternidade, para sempre.

Esta confiança gera oração, alegria, louvor e gratidão. Como reza o salmista: *«Povos todos, batei palmas, aclamai a Deus com brados de alegria... Deus subiu entre aclamações, o Senhor subiu ao som da trombeta. Cantai hinos a Deus, cantai, cantai hinos ao nosso Rei, cantai. Deus é Rei do universo: cantai os hinos mais belos. Deus reina sobre os povos, Deus está sentado no seu trono sagrado».*

O reconhecimento da soberania de Deus evita a instrumentalização e o endeusamento, torna-nos iguais e torna-nos irmãos, reconhecendo-O como Pai de todos e, por conseguinte, todos filhos no Filho, Jesus Cristo. Reconhecer... é a primeira etapa para nos deixarmos converter... caminho para assumirmos no dia a dia o que sabemos e o que vemos pelos olhos do coração.

Pe. Manuel Gonçalves

Textos para a Eucaristia (ano A): Atos 1, 1-11; Sl 46 (47); Ef 1, 17-23; Mt 28, 16-20.